

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A PRODUÇÃO DE SENTIDO EM POESIAS LÍRICAS

Anya Karina Campos D'Almeida e Pinho (UFMG)

campos.anya@gmail.com

José Enildo Elias Bezerra (PUC-MG)

jose.bezerra@ifap.edu.br

O objetivo da pesquisa que deu origem a este trabalho foi investigar, a partir dos resultados encontrados por Oliveira (2011), em que medida as representações sociais influenciam nos processos de referência e de produção de sentido de leitores de textos literários em que essas representações sociais não sejam, pelo menos num primeiro momento, previsíveis.

Oliveira (2011) propõe uma pesquisa pela qual restou demonstrado a importância inequívoca das representações sociais na busca por interpretações possíveis a partir da leitura de textos. Para tanto, o autor apresentou a duas turmas de alunos do terceiro ano do ensino médio uma crônica em que um dos sentidos possíveis girava em torno do preenchimento de uma lacuna⁸² deixada pelo autor. A partir daí, o pesquisador avaliou a maneira como a lacuna foi preenchida pelos participantes da pesquisa e concluiu que, na maioria das vezes, os alunos construíram um sentido semelhante graças à busca de conceitos formulados com base em representações sociais.

Oliveira (2011) explica que de acordo com Moscovici (2007, 2009), citado por Oliveira (2011)

Representações podem ser concebidas como uma forma de conhecimento prático socialmente elaborado e partilhado, concorrendo para a construção de uma realidade comum socialmente aceitável. Ou seja, conforme complementa Abric (1986), um conjunto organizado e hierarquizado de julgamentos, atitudes e de informações que um grupo social elabora com relação a um objeto – que pode ser uma pessoa, uma coisa, um evento material, físico ou social, um fenômeno natural, uma teoria... – que pode ser tanto real quanto imaginário ou mítico. Não são, no entanto, os próprios julgamentos, atitudes e informações, mas o que se constrói em termos de conhecimento prático em na sua elaboração. Sendo elas partilhadas, organizadas e hierarquizadas, devemos entendê-las como um amálgama, em que se misturam conjuntos de conhecimentos a-

⁸² Chama-se de lacuna, de acordo com a teoria da semiótica narrativa, a catálise criada pelo autor na crônica objeto de estudo de Oliveira (2011), conforme se verá adiante.

testados ou ilusórios relativos à vida em sociedade e sobre os quais – e a partir dos quais – atuam os indivíduos na prática social. (p. 89)

Partindo, então, dessa noção de representação social, o autor propõe aos participantes da pesquisa o texto “Aquilo” de Luiz Fernando Veríssimo. O texto foi apresentado aos alunos, estudantes de duas turmas (grupo 1 e grupo 2) da terceira série do ensino médio de uma escola pública, que, divididos em dois grupos, responderam a algumas perguntas por escrito e, posteriormente, foram incentivados a descrever, em um protocolo verbal, os processos interpretativos que usaram na produção de sentido e no preenchimento da lacuna deixada pelo escritor.

O primeiro grupo leu o texto na íntegra e respondeu, por escrito, à seguinte pergunta: Na sua opinião, que sentido (s) os interlocutores 1 e 2 atribuem a “aquilo”? Já o segundo grupo de participantes recebeu, num primeiro momento, apenas a primeira metade do texto. Com base nessa parte do texto os participantes responderam a algumas perguntas, entre elas, a mesma pergunta respondida pelo primeiro grupo.

Depois disso, o segundo grupo recebeu o texto na íntegra e respondeu, por escrito, a mais algumas perguntas, entre elas: E agora, lendo o final do texto, o que você diria que é “aquilo”? Ao sumarizar os resultados obtidos, Oliveira (2012) concluiu que a maioria dos alunos que leram apenas a metade do texto, responderam, no primeiro momento, que *aquilo* estava relacionado ao universo sexual e, pela análise do protocolo verbal realizado pelo autor, ficou claro que, os alunos que leram o texto inteiro, antes de chegar ao final do texto também atribuíram sentido sexual à *aquilo*.

Segundo o pesquisador, isso se deu em certa medida graças à representação social que os brasileiros têm a respeito desse tipo de uso de “aquilo” e que fez com que os leitores a utilizassem nos processos de referência e de construção do sentido textual.

É interessante e importante notar que essa posição do autor pode ser sustentada, conforme ele mesmo explicita, pelo fato de a conotação sexual dada a “aquilo” ser um uso corrente dessa palavra entre os brasileiros. Bons exemplos desse uso podem, segundo Oliveira (2011), ser atribuídos a duas personagens bastante conhecidas no país: uma delas, o ex-presidente Fernando Collor de Mello, que, em um discurso dirigido a todo país, declarou ter nascido com *aquilo roxo*. Outra personagem, dessa vez fictícia, é a Dona Bela, da Escolinha do Professor Raimundo, programa protagonizada por Chico Anysio na Rede Globo. Dona Bela pro-

nunciava o bordão *Ele só pensa ... naquilo* todas as vezes que o professor Raimundo dizia uma palavra que, por ser totalmente desconhecida de Dona Bela, esta atribuía à tal palavra um sentido pornográfico.

Outra representação social interessante utilizada pelos alunos foi a de que Luís Fernando Veríssimo é um autor de textos que tendem para o humor, então, relacionar *aquilo* ao universo sexual faz parte do entendimento dos leitores sobre uma maneira clássica de se construir o humor. Assim, o tema sexo estaria de acordo com o que os informantes da pesquisa esperavam de um texto de Veríssimo.

Mais uma representação social que não pode ser desconsiderada é a que trata do gênero textual em questão. Em um contexto mais genérico é preciso considerar que se trata de um texto literário, com todas as suas especificidades, uma delas, permitir o conteúdo humorístico, o que não ocorreria em um texto científico, por exemplo. Assim, pode-se dizer que a atribuição da conotação sexual a *aquilo* está bem de acordo com o gênero crônica.

É razoável pensar, então, que as duas personagens, Dona Bela e Fernando Collor, podem ter contribuído para reforçar a representação social do que seja *aquilo* usada de maneira lacunar, como fez Luís Fernando Veríssimo e a escolha do autor e do gênero crônica reforçaram a representação social de que se estaria diante de um texto humorístico, o que endossou a opção pela interpretação de *aquilo* como sendo algo ligado a sexo. Pode-se dizer, então, que o texto “*Aquilo*” é de certa forma previsível quanto ao tipo de representação social que suscitará, tanto o é que, mesmo sem ter acesso ao final do texto, momento em que as lacunas são preenchidas pelo autor, muitos alunos atribuíram o mesmo sentido à palavra *aquilo*.

Contudo, o que dizer de textos que não suscitem representações sociais tão previsíveis, como é o caso de alguns poemas líricos? Como se sabe, é da natureza do gênero lírico, cuja poesia lírica é um bom exemplo, tratar de temas subjetivos e que, muitas vezes, fazem parte do universo pessoal restrito ao autor.

A poesia *stricto sensu* é bem definida por Faraco e Moura (2004) para os quais se caracteriza por sua divisão em blocos chamados estrofes e por linhas, chamadas versos, que não ocupam toda a extensão horizontal da página. Estando diante de um texto com essas características, o leitor buscaria uma representação social que lhe indicaria que o conteúdo

que ali está veiculado é subjetivo, particular, atinente a assuntos da alma (COSTA, 2008).

Nesse contexto, algumas perguntas parecem ser pertinentes: Em se tratando de uma poesia lírica, em que medida as representações sociais seriam capazes de interferir ou mesmo determinar a produção de sentido semelhante entre vários leitores diferentes? E, se as representações sociais não são tão previsíveis, quais seriam elas?

Retomando o tema das representações sociais, poder-se-ia supor que as representações sociais de uma dada sociedade estão tão arraigadas em sua cultura e estrutura que, mesmo que não previsíveis ao pesquisador, leitores de um mesmo texto produziriam a partir dele sentidos em grande medida semelhantes, da mesma maneira que ocorreu na pesquisa de Oliveira (2011), na qual o texto lido tinha grande previsibilidade de sentido por parte do pesquisador e esse sentido foi de fato confirmado pelos leitores.

Por outro lado, considerando que o tema central do poema lírico é tão particular do autor, além de poder, por suas características subjetivas, provocar o processo catártico no leitor, poder-se-ia supor que haveria infinitas possibilidades interpretativas. Assim, uma pergunta torna-se inevitável: Então, na interpretação de textos artísticos pode tudo?

A semiótica narrativa responde que não, não pode tudo. E o limite das interpretações possíveis deve ser encontrado nos elementos textuais implícitos, ou seja, nas catálises narrativas, que é o processo pelo qual é possível explicitar e reconstituir um encadeamento de sentido a partir dos elementos que se encontravam elípticos. Isso só é possível através de elementos contextuais e por pressuposição (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 54-55, *apud* ZERBINATTI, 2011, p. 44)

Pode-se dizer, então, que catálises são as lacunas de sentido deixadas pelo enunciador e que devem ser preenchidas pelo enunciatário, *o preenchimento espontâneo dos vazios pelo leitor*. (BERTRAND, 2009, P. 326). Assim, um texto como “Aquilo” tem menos lacunas a serem preenchidas que uma poesia lírica, ou seja, o leitor precisa fazer menos catálises em “Aquilo” que em “O Fotógrafo”. É, pois, razoável, se esperar uma maior unidade interpretativa no primeiro caso que no segundo.

Retomando o tema central do trabalho, percebe-se que a infinitude de análise possíveis para obras literárias, mesmo quando sustentadas teoricamente pela catálise da semiótica narrativa, não fica tão evidente no

resultado encontrado por Oliveira (2011) em sua pesquisa, como se espera que estejam em textos literários líricos como certos poemas.

No texto “Aquilo” apresentado por Oliveira (2011), as representações sociais acionadas pelos alunos participantes da pesquisa, quais sejam, o sentido sexual de *aquilo*, o gênero e o autor escolhidos pelo professor, podiam ser previstas antes mesmo da análise das respostas dos leitores. É preciso avaliar, no entanto, se o mesmo se dá com textos construídos em condições diversas, em que as representações sociais envolvidas no processo de referência e de produção de sentido não possam ser previstas todas com a mesma facilidade que o foram no texto de Veríssimo. Esse é o objetivo deste trabalho.

Assim, passa-se à análise dos resultados obtidos com a pesquisa que sustenta as discussões aqui propostas. Durante a pesquisa, o texto “O Fotógrafo” (Vide Anexo), de Manoel e Barros, foi apresentado a 5 turmas de ensino médio (2º ano de secretariado manhã, 1º ano de informática manhã, 2º ano de informática manhã, 2º ano de informática tarde, 2º ano de Técnico em Meio Ambiente) do Instituto Federal do Amapá, 1 turma um curso de auxiliar administrativo promovido pelo Instituto Federal do Amapá e cujos alunos possuem o ensino médio completo, e 2 turmas de graduação, uma de Letras e a outra de Direito, de duas faculdades particulares de Minas Gerais. O objetivo da proposta era averiguar quais são as representações sociais acionadas pelos alunos participantes da pesquisa ao ler o poema dado e se há uma similaridade nessas representações sociais, ou seja, se as representações sociais acionadas foram mais ou menos as mesmas entre os leitores.

Os grupos receberam o texto e responderam, por escrito, às seguintes perguntas. 1) Do que o texto está falando? 2) Como você chegou a essa conclusão?

A atividade foi proposta em sala de aula e os professores que aplicaram não fizeram quaisquer tipos de esclarecimentos sobre o poema, suas significações possíveis ou mesmo sobre questões gramaticais atinentes ao texto. Os alunos foram informados apenas de que estavam respondendo às perguntas para uma pesquisa e que não precisavam colocar seus nomes nas respostas.

As tabelas abaixo evidenciam os resultados encontrados na análise de 149 respostas apresentadas.

Resposta	N
Fotógrafo que fotografa o que sente e não o que vê/ Fotógrafo que tenta fotografar o	28

impossível/ Fotógrafo que enxerga o mundo com outros olhos/ Fotógrafo que sua a imaginação/ sentimentos de um fotógrafo/ Fotógrafo que tira fotos de coisas abstratas/ Fotógrafo que fotografa o que não se pode ver/ Fotografar o abstrato/ Fotógrafo que tenta fotografar coisas não visíveis/ Fotógrafo que fotografa além da existência/ Fotógrafo que via as coisas naturais	
Silêncio/ Silêncio na madrugada/ Coisas diferentes que só aparecem de madrugada	10
Coisas maravilhosas à nossa volta e que às vezes não percebemos/ Coisas que são difíceis de perceber/ Coisas que deveriam ser observadas	5
Transformam o poema em uma narrativa	14
Fotógrafo que tenta fotografar o silêncio/ Dificuldade de fotografar o silêncio/ Dificuldade de fotografar algumas coisas/ Fotógrafo que tenta fotografar situações em que o silêncio predomina/ Uma pessoa que tenta fotografar o silêncio	13
O que pode ser sentido, mas não pode ser visto/ Dificuldade de definir o que não se pode ver/ Do que não se pode pegar ou ver/ Sentimentos	11
Fotógrafo que tenta fotografar uma mulher	1
Do silêncio, ou seja, das pessoas que têm respeito pelos outros/ Dos sentimentos que temos com as outras pessoas, os nossos semelhantes	2
Fotografia/ Faces da fotografia/ Várias formas de fotografar/ Fotografar/ A arte de fotografar	17
Fotógrafo sem sentido/ Fotógrafo louco	5
De um fotógrafo/ De uma pessoa que fotografava várias coisas/ Sobre a vida de um fotógrafo experiente/ Fotógrafo que gosta de fotografar/ Experiência de um fotógrafo	10
Do que só os olhos do poeta enxergam/ Interpretações do autor para aquilo que vê/ Poeta que quer fotografar os mínimos detalhes/ Situações que o autor vive em uma noite	4
Sobre o existente e o inexistente/ Coisas que jamais aconteceriam/ Subconsciente, irrealidade/ Algo abstrato	4
O fotógrafo que fotografou um casamento/ Fotógrafo que fotografou uma roupa de noiva	2
Pessoas que gostam de fotografar coisas profundas	1
Memórias, o que os olhos viram na madrugada, olhos como máquina fotográfica	1
Fotografia silenciosa/ Fotografia abstrata	2
Fotógrafo admirado de tudo que vê à sua volta	1
O poeta deseja mostrar o silêncio por meio do vestido da sua noiva	1
Um índio que queria fotos	1
Visões/ Delfrios/Sonhos/ Sonhador/ Imaginação, sonhos de um inconsciente	8
Conto de fadas	1
Fotógrafo que tira foto de sua aldeia	1
Solidão de uma pessoa/ Solidão de um homem/ Solidão do autor	3
Fotógrafo que em vez de fotografar a imagem toda ele fotografa o que a compõe	1
Da vida de um homem/ A vida e seus momentos	2
Total	149

Tabela 3. Respostas dos informantes à primeira pergunta proposta

Resposta	Nº	Exemplos
----------	----	----------

Usa palavras e passagens do texto sem elaborar uma justificativa	13	Fiz uma leitura do texto e compreendi que o personagem está falando de fotografia, foto, fotografei.
Elabora uma justificativa utilizando palavras e passagens do texto	21	Bem, cheguei a essa conclusão por alguns detalhes como, eu supunha que ele seja o fotógrafo bêbado na parte em que ele se refere ao silêncio afirmando que “estava carregando o bêbado”, “Fotografei esse carregador”...
Interpretação das reações do fotógrafo	4	Porque é um fotógrafo que sai pela rua e bate foto do que ela acha interessante
A partir de fatos do texto, mas não dizem quais	12	Devido todas as características que ele escreveu no próprio texto!!
Interpretação geral do texto com opiniões pessoais	60	Cheguei a essa conclusão porque ele tenta fotografar algo além do que ele pode ver e procura a existência de algo criativo e belo. Tornando a sua imaginação em uma fotografia que ilustra a beleza das coisas que as pessoas não conseguem enxergar.
Porque li o poema	1	
Pelo contexto/ Pelo título	3	
Não responderam	30	
Interpretação geral do poema sem opinião pessoal	5	Porque o texto fala sobre o personagem que tira fotos de vários objetos
Total	149	

Tabela 4. Respostas dos informantes à segunda pergunta proposta

Uma primeira observação sobre os resultados deve dizer respeito à representação social sobre o gênero poema. Em nenhuma das respostas analisadas os alunos informantes disseram ser o texto absurdo ou incoerente uma vez que é totalmente impossível fotografar as coisas mencionadas no poema já que uma máquina fotográfica só registra coisas de existência material e concreta. Isso se deu provavelmente porque o absurdo e o incoerente são esperados de um texto poético e os alunos sabiam que estavam diante de um poema por causa do formato de texto, o mesmo formato preconizado por Faraco e Moura (2004).

Com essa expectativa frente ao gênero proposto, os alunos passaram a tentar construir sentido a partir dos elementos textuais, utilizando pura e simplesmente passagens do texto. Nessa etapa, uma série de representações sociais pôde ser identificada.

Os alunos buscaram relacionar as palavras e passagens do texto que pudessem fazer sentido juntas. Na maioria das respostas os substantivos abstratos, muitas vezes mencionados nas respostas dos alunos, foram relacionados com imaginação, sentimentos, sonhos, delírios. Nesse caminho houve alguns juízos de valor no sentido de se afirmar que é im-

portante dar valor às coisas abstratas, ao que pode ser sentido, mas não pode ser visto. Outras tantas vezes os alunos se ativeram à correlação entre o silêncio e a *madrugada*, entendendo que essas duas palavras fazem parte de um mesmo universo semântico, pois a madrugada é silenciosa e, para alguns, silêncio e madrugada são reveladores do que não se percebe no *dia a dia*, no *cotidiano*. Alguns alunos relacionaram o texto como um todo à solidão e atribuíram esse sentido à passagem *minha aldeia estava morta* e ao *silêncio*. A palavra *casamento* foi relacionada a *fotógrafo* produzindo o sentido de que o fotógrafo fotografa casamentos, e a palavra *aldeia* chegou a ser relacionada a um índio fotógrafo.

Embora mais numerosas e diversificadas que nas repostas encontradas por Oliveira (2011), as representações sociais embasam todo o processo de referenciação evidenciado nas repostas analisadas nesta pesquisa. Além desse ponto em comum, também o caminho indicado pelos alunos para explicar o processo de produção de sentido na crônica e no poema foi bastante parecido. Em ambos os casos os alunos muitas vezes buscaram palavras do texto para justificar suas interpretações, como em.

De um fotógrafo louco com algum problema na mente, porque não conseguimos fotografar o silêncio, ou fotografar o perfume de jasmim, fotografar o perdão, fotografar o sobre, ou ele usa bastante a imaginação.

Interessante notar, contudo, que na crônica proposta por Oliveira (2011) houve mais aprofundamento quanto ao sentido global do texto, o que não ocorreu com o poema. Esse fato pode estar relacionado também à representação social sobre o gênero poesia não ser produzido para ser compreendido e sim para ser sentido ou apreciado, enquanto o gênero crônica é criado para a que seu conteúdo seja compreendido e, não raro, desperte discussões entre os leitores. Essa característica do gênero poesia é bem ilustrado por uma das repostas analisadas, dada por um dos alunos do 1º ano de informática do Instituto Federal do Amapá:

O texto, provavelmente, refere-se ao sonho, subconsciente, perceptível nos traços de irrealidade que o texto apresenta, na inconsistência de sentido, na subjetividade contida nele, apresentando-se, propositalmente, incoerente ao leitor.

Nas respostas à primeira pergunta não se notou a catarse esperada, características dos textos artísticos, mas ela se manifestou em grande medida nas respostas à segunda pergunta, como se verá. Os alunos cujas respostas foram classificadas como *Interpretação geral do texto com opiniões pessoais* indicaram o caminho de suas produções de sentido fa-

zendo juízos de valor sobre dados do texto. Seguem alguns exemplos desses casos: “Eu cheguei à conclusão que esse *tal fotógrafo só preparava sua máquina para tirar fotos de coisas que só eram ilusão*”.

Também merece comentário o grande número de alunos que não responderam à segunda questão. Esse dado pode ser um indicativo da dificuldade de se apontar o caminho da referência em poemas como “O Fotógrafo”. De acordo com a teoria semiótica considerada nesta pesquisa, uma hipótese para o alto número de inexistência da resposta à segunda pergunta seria o número de lacunas deixadas no texto pelo autor. Cada vez que o autor diz que fotografou algo impossível de ser fotografado, o leitor é chamado a preencher uma catálise, fazendo considerações a respeito desse tipo de fotografia, se havia mesmo uma máquina fotográfica e um fotógrafo, se o poema cuidava de um sonho, enfim, lacunas que de fato os informantes trataram de responder quando fizeram suas interpretações baseadas em opiniões pessoais, como visto acima, e também quando não responderam à questão proposta.

Na classificação *não responderam* estão alunos que somente responderam à primeira questão e o fizeram da mesma maneira que aqueles cuja resposta Foi classificada como *Interpretação geral do texto com opiniões pessoais*: Entre as respostas classificadas como *não responderam* estão os seguintes exemplos:

Sobre a arte de fotografar como é bom registrar momentos inesquecíveis e que juntamente com a imaginação fica ainda mais encantador e que a pessoa não se limita vai além de si, viaja entre as entrelinhas da vida para que se torne mais fácil de viver.

De uma pessoa que fotografa. Ela tira foto fotografa as coisas que ela precisa ou chama a sua atenção. Na verdade essa pessoa fotografa as coisas que nós devemos ter como o perdão.

Considerações finais

As representações sociais em torno dos gêneros crônica e poema são determinantes na produção de sentido;

Os processos de referência e produção de sentido são bastante parecidos tanto na crônica quanto no poema na medida em que os alunos muitas vezes procuram palavras e passagens do texto que justificam suas interpretações;

Embora o processo de referenciação seja parecido nos gêneros crônica e poema, no poema são muito mais numerosas que na crônica e algumas representações acionadas na interpretação do poema são bastante imprevisíveis;

A função catártica dos textos artísticos de fato está presente nas interpretações do poema em muito maior medida que na interpretação da crônica, mas a catarse de maneira alguma afasta a utilização das representações sociais no processo de produção de sentido do poema;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Lúiza M.; PONTARA, Marcela. *Literatura brasileira: Tempos, leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2005.

BARROS, Manuel. *Ensaaios fotográficos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000, 66p.

BERTRAN, Denis. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz Jr. Entimema e textualização. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Vol. 7, n. 2, dezembro de 2009. Disponível em:

<<http://www.fclar.unesp.br/seer/index.php?journal=casa>>. Acesso em: 17-06-2011.

CAMPEDELLI, Samira Youssef; SOUZA, Jésus Barbosa. *Literatura brasileira e portuguesa: teoria e texto*. São Paulo: Saraiva, 2003, 527p.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Literatura brasileira em diálogo com outras literatura e outras linguagens*, 3. ed. São Paulo: Atual, 2005.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. *Literatura brasileira*. 17. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et allii. São Paulo: Cultix, 1979.

GUARESCHI, Pedrinho A; JOVCHELOVICH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. *Ensaio de semiótica: Aprendendo com o texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009, p. 164.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais*. 4. ed. Petrópolis: Vozes. 2003.

NICOLA, José de. *Literatura brasileira: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Scipione, 2007. [15. ed. 1998].

OLIVEIRA, Adilson Ribeiro de. *Processos de referência, emergência de representações sociais e produção de sentido: um olhar sobre percursos interpretativos na atividade de leitura*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Belo Horizonte. Faculdade de Letras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. *Scripta*. Belo Horizonte: PUC-Minas, V. 1, n. 1, 1999, p. 87-106. Disponível em: <<http://www.ich.pucminas.br/posletras/06.pdf>>. Acesso em: 17-06-2012.

SILVA, Victor Manuel de Aguiar e. *Teoria da literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina. 2009.

ZERBINATTI, Bruna Paolai. *A lei e o devir: caminhos para leitura de romances de Paulo Leminski*. *Estudos Semióticos*, Vol. 7, n. 1, p. 39-47, junho, 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es/eSSe71/2011esse71_bpzerbinatti.pdf>. Acesso em: 17-06-2012.

ANEXO:

O FOTÓGRAFO

Manoel de Barros

Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei.
Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um barulho, ninguém passava entre as casas.
Eu estava saindo de uma festa.
Eram quase quatro da manhã.
Ia o Silêncio pela rua carregando um bêbedo.
Preparei minha máquina.
O silêncio era um carregador?
Estava carregando o bêbedo.
Fotografei esse carregador.
Tive outras visões naquela madrugada.
Preparei minha máquina de novo.
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume.
Vi uma lesma pregada na existência mais do que na pedra.
Fotografei a existência dela.
Vi ainda um azul-perdão no olho de um mendigo.
Fotografei o perdão.
Olhei uma paisagem velha a desabar sobre uma casa.
Fotografei o sobre.
Foi difícil fotografar o sobre.
Por fim eu enxerguei a Nuvem de calça.
Representou para mim que ela andava na aldeia de braços com
Maiakovski - seu criador.
Fotografei a Nuvem de calça e o poeta.
Ninguém outro poeta no mundo faria uma roupa
Mais justa para cobrir a sua noíva.
A foto saiu legal.